

O ritual do Kaá dos Mbyá-Guarani da aldeia Araçaí de Piraquara-PR

The Kaá ritual of the Mbyá-Guarani of the village of Araçaí Piraquara-Pr

Ubirajara Salles Zoccoli ¹

Nelson Pereira Castanheira ²

¹Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais e bacharelado em Sociologia pela PUCPR, Licenciatura em Pedagogia pela UFPR, Especialização em Antropologia Social pela FACEAR, Educação em Valores Humanos pela FIES, Mestrado em Tecnologia pela UFTPR, atualmente é Pedagogo da Prefeitura de Curitiba atuando na Proteção Social Especial e Professor da Uniandrade para o Curso de Direito a disciplina de Antropologia uzoccoli@fas.curitiba.pr.gov.br

²Graduação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1976), graduação em Física pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1976), graduação em Desenho Geométrico pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1976), graduação em Licenciatura Plena em Eletrônica pela Universidade Federal do Paraná (1974), mestrado em Gestión de Recursos Humanos - Universidad de Extremadura (2002), convalidado pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008), Professor da UNINTER.

Resumo

Este artigo procura desenvolver uma visão do Nhande Rekó, o modo de ser dos índios Mbyá-Guarani que vivem na Aldeia Araçaí no município de Piraquara no estado do Paraná. Neste registro foi estabelecido por quais nomes os Guarani são conhecidos, qual seu território, quantos compõem a população Guarani. Também se evidenciou a sua maneira de convivência e as relações com a comunidade não índia. Quais os rituais que eles praticam e principalmente foi realizada uma descrição do ritual do Kaá, o ritual da erva-mate. O costume de tomar mate ou chimarrão, este que foi apropriado do povo Guarani e incorporado pelos brasileiros, argentinos, paraguaio e outros.

Palavras-chave: Mbyá-Guarani. Ritual do Kaá. Nhande Rekó. Etnografia. Sagrado.

Abstract

This article seeks to develop a view of Nhande Rekó, the way of being of the native Brazilian Mbyá-Guarani who live in the tribe Araçaí in the city of Piraquara/PR. We established what names the Guarani are known by, what their territory is, how many make up their population. We also found out their way of living and their relations with the non- native Brazilian community. What rituals they practice and we made a special description of the ritual Kaá, the maté ritual. The habit of drinking maté or chimarrão,

the latter was taken from the Guarani people and incorporated by The Brazilian, Argentinians, Paraguayans and others.

Keywords: *Mbyá-Guarani. Kaá Ritual. Nhande Rekó, ethnography, Sacred.*

Introdução

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, pesquisou-se sobre os Mbyá-Guarani que vivem na América do Sul; Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, dentre outros, buscou-se os aspectos culturais e principalmente o seu modo de ser e de viver.

Os Guaranis falam a língua da família Tupi-Guarani, por quais nomes são conhecidos e em quantos membros são registrados mostrando o número desta população.

Realizou-se um registro etnográfico do ritual do Kaá dos Mbyá-Guarani, que é o jeito como eles coletam e preparam a erva-mate para tomar, embora grande parte das pessoas desconhecem que o chimarrão é um costume Guarani e que os gaúchos fizeram um empréstimo cultural deste elemento cultural.

Foram pesquisados autores clássicos da etnografia e antropologia, tais como Curt Nimuendaju, Pierre Clastres, Hélène Clastres, Egon Schaden, León Cadogan e Bartomeu Melià e outros pesquisadores.

O artigo foi construído relatando-se a experiência prática e vivenciada pelo autor, através de vários anos de convívio com o povo Mbyá-Guarani.

A proximidade que foi proporcionada pelos anos de convivência, permitiu a participação de muitos rituais e o que se relata neste trabalho é uma pequena parte da cultura Guarani e o que foi possível produzir nas condições e momento em que se encontra, mas se espera que os leitores possam apreciar este documento e até virem a conhecer os Guaranis. Porque, aquilo que não se conhece, não se valoriza e nem respeita, efetivamente só se respeita de fato aquilo que se conhece com certa profundidade e sem preconceitos. Os Guaranis da aldeia Araçaí do município de Piraquara – Pr, são da aldeia de Palmerinha, no interior do Estado do Paraná.

Vieram morar em Piraquara por razões que o próprio conteúdo do artigo pode responder, vivenciando seus mitos originários. Estabeleceram-se na atual localização

da aldeia Araçaí por terem recebido de doação estas terras. Isto aconteceu em 1999, neste ano o autor teve a oportunidade de conhecer a aldeia logo que ela se instalou no local.

Em 2002 volta a fazer mais uma visita e a partir de 2004 mantém um contato mais estreito, inclusive fazendo inúmeras viagens com o Cacique e com o pajé Marangaju.

Os Guaranis são um povo que vive de forma muito peculiar e o seu modo ser eles denominam de Nhande Rekó, nosso modo de ser.

É um povo que vive uma espiritualidade muito forte e peculiar, pois as suas práticas sagradas são realizadas todos os dias.

As músicas e as danças que são elementos fundamentais no processo do desenvolvimento dos ritos, são de uma beleza e uma harmonia que é impossível de se comparar com outro povo, despertando em que as ouve e experimenta os passos das danças uma sensação muito marcante e inesquecível.

A sua forma de tratar com as crianças e sua maneira de educar é muito característica e também é marcada pelas suas concepções filosóficas e religiosas, pois vivem uma mística que os mobiliza a realizar grandes feitos, exemplo disto são as grandes caminhadas que fazem no presente e fizeram no passado, vivendo seus mitos, os grandes feitos de seus heróis civilizadores.

Os Guaranis são um povo que também dá uma importância muito grande aos sonhos, pois estes podem ser as mensagens de Nhanderu, o pai, que indica o caminho a seguir através destas mensagens, os sonhos e estes podem ser um elemento catalizador e mobilizador de toda a comunidade.

Neste trabalho se desenvolverá um registro do entendimento que o autor teve da cultura Guarani e que coloca a disposição dos leitores.

OS GUARANIS – QUEM SÃO E QUANTOS SÃO, A TERRITORIALIDADE, ONDE HABITAM

Os trabalhos etnográficos sobre os guaranis são muito ricos e com uma vasta produção. Autores clássicos como: Curt Nimuendaju (1987), Pierre Clastres (1990), Hélène Clastres (1978), Egon Schaden (1974), León Cadogan (1959) e Bartomeu Melià (1990 e 2007) sem mencionar os vários estudos das universidades brasileiras, através

dos seus Programas de Pós-Graduação em Antropologia, não somente no campo da Antropologia, produziram uma interessante etnografia e uma etnologia indígena Guarani e que continua atraindo estudiosos.

Séculos de contato, primeiramente com os portugueses e espanhóis produziram muitas transformações que foram irreversíveis, “como: a enorme diminuição demográfica, o aprisionamento territorial, as crises políticas internas de liderança e o suposto impacto das missões sobre a religião e religiosidade dos Guarani” (NOBRE, s/d).

A população guarani no Brasil em 2008 era estimada em torno de 51.000 pessoas, entre Kaiowá (31.000), Nandeva (13.000) e Mbya (7.000). No Paraguai o Censo Nacional Indígena de 2002 contabilizava a população indígena guarani em 43.080 pessoas, entre os Pais Tavyterã / Kaiowa (12.964), Nandeva (15.229) e Mbya (14.887). Na Argentina a população guarani é quase exclusivamente Mbya e concentra-se na província de Misiones em torno de 5.500 pessoas. A população Nandeva na Argentina é estimada em cerca de 1000 pessoas. (CTI/G. Grünberg, 2008). A população Mbya atual estaria, segundo essas projeções, em torno de 27.380 pessoas. Há uma unanimidade entre os autores quanto às dificuldades de quantificar os Guarani. No caso dos Mbya, uma rede de parentesco e reciprocidade se estende por todo o seu território compreendendo as regiões onde se situam as suas comunidades, implicando uma dinâmica social que exige intensa mobilidade (visitas de parentes, rituais, intercâmbios de materiais para artesanato e de cultivos etc). Desse modo, tecnicamente, seria quase impossível contar os indivíduos. Há ainda outros aspectos, entre os quais: o acesso a algumas aldeias ou moradias, dificuldades de obtenção de informações nas comunidades e, sobretudo, a aversão dos Guarani aos recenseadores, pois entendem, com razão, que a contagem trata-se de uma forma de controle do Estado (conforme apontado por Melià, 1997, no Paraguai, e Brighenti, 2001, na Argentina). Levantamentos demográficos realizados isoladamente em algumas aldeias, ou mesmo informações numéricas desconectadas no tempo, prestam-se mais a desinformações e projeções infundadas, muitas vezes consideradas pelos índios como prejudiciais. Genealogias realizadas entre os Mbya revelam que a rede de parentesco se estende entre aldeias situadas em todas as regiões de seu território. (LADEIRA, 2003, p. 107).

Essas cifras são inexpressivas em relação à população Guarani da época colonial. Todos os grupos Guarani encontram-se confinados em Aldeias relativamente pequenas ao longo do litoral e principalmente no interior do Paraná. Os Guarani ocupavam extensas áreas que iam da Amazônia à Bacia do Prata (BRANDÃO, 1990, p. 54), constituindo uma “nação em estado de liberdade” (NOBRE Apud Almeida, s/d); diversas novas Aldeias menores surgiram a partir da divisão entre lideranças, assim

como grupos macrofamiliares que foram obrigados a conviver entre si, confinados em diminutas e poucas áreas, criadas como Postos Indígenas pelo Estado brasileiro, a partir de 1910. (NOBRE, s/d).

Os Guaranis são um grupo étnico da família linguística Tupi-Guarani (Tronco Tupi). Historicamente, o que se tem conhecimento trata de um ramo de uma horda pré-histórica, que foi denominada genericamente de Proto-Tupi, que emigrou a partir do sul do atual estado de Rondônia acerca de 3.500 anos. Os Guaranis e os Tupinambás (o segundo ramo da horda Proto-Tupi) têm a mesma origem e partilham historicamente das mesmas raízes linguísticas e culturais. (BORGES, s/d).

Graciela Chamorro, professora universitária e pesquisadora com um vasta experiência e conhecimento do povo Guarani, com muitas obras publicadas assim se coloca com relação a origem dos Guarani.

Os grupos Guarani atuais pertencem ao tronco linguístico Tupi-Guarani. Há pelo menos 2500 anos, este teria se desdobrado do tronco Tupi mais antigo, cuja história abarca por sua vez, no mínimo, 5000 anos. Os Guarani são incluídos frequentemente na denominação genérica de “povos amazônicos”, com o que se quer fazer menção ao lugar de origem de seus ancestrais: a Amazônia. A história dos Tupi tem por cenário a floresta tropical, enquanto a dos Guarani, as matas subtropicais da bacia dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai. A história destes povos, portanto, está longe de reduzir-se aos cinco séculos de história da colonização europeia na América. (CHAMORRO, 1999, p. 07).

O termo Guarani refere-se a uma diversidade de grupos e aldeamentos que se espalham pela América do Sul; Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, com aspectos culturais e autodenominações específicas.

Guarani dividem-se em 3 subgrupos: os nhandeva, os guarani e os kayová, cujas aldeias são encontradas em São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Tocantins e Pará, provavelmente como resultado de levadas migratórias (*oguatá porá* – literalmente ‘caminhar sagrado’) em busca da Terra Sem Mal (*YvyMarãEý* – literalmente ‘terra sem doenças’, logo livre de todo mal e que, por isso mesmo, aquela que desconhece a decadência e a morte). (BORGES, s/d).

Os Guaranis Mbyá vêm mantendo um contato constante com a sociedade envolvente desde o século XVI, entretanto não se interessando muito com os que estão em torno. Como outros grupos indígenas latinoamericanos, tem passado por processos

de redução e conversão ao cristianismo e ao modo de produção e civilização imposto pelas nações colonizadoras europeias. A importância linguística e cultural nos países em que habitam vem sendo cada vez mais acentuada, porque são vistos como um exemplo de resistência física e étnica e cultural, além de detentores de um complexo sistema de conhecimento, notadamente no campo filosófico e astronômico, religioso e ambiental.

Para compreender o povo Guarani é necessário buscar o entendimento das suas concepções filosóficas e religiosas, as suas concepções espiritualistas, a chave para tanto está no entendimento de um elemento que se denomina entre eles que é a Terra Sem Mal ou *Yvy Marãe ÿ*, Este constitui um dos elementos do pensamento e do modo de ser (teko ou ethos) desse grupo étnico, elemento constituinte do papel simbólico e histórico que essa entidade mítica e utópica desempenha na concepção de mundo e no vir-a-ser desse grupo indígena. Para compreender melhor o papel do mito da Terra Sem Males, é que este é a estrutura fundante do povo Guarani.

Os elementos do imaginário e a riqueza simbólica dessas estruturas sociais e históricas que foram forjadas ao longo de séculos de convívio com o meio ambiente. Estes estão relacionados intimamente com a questão territorial e ambiental. Os Guaranis se constituem como um povo da floresta e se identificam com isto, entretanto nos dias de hoje com a degradação do meio ambiente, em nome de um modelo de desenvolvimento, é causador de um grande sofrimento, tem os Guaranis um compreensão também que eles vivem em um mundo de imperfeições, denominado de *Yvy Vai*.

Assim se expressa Bartomeu Melià sobre os Guaranis e sua forma de viver nos ensinando muito do ponto de vista ético e filosófico e a relação com o meio ambiente.

Quando, com ridícula e torpe manifestação de orgulho e prepotência, tomamos a devastação e a destruição de nossos recursos materiais e culturais como índice demodernidade e desenvolvimento, é bom descobrir que ainda existem aqueles que sabem manter padrões de vida moderados, evitando a depredação e o desperdício, apesar das contínuas e indecentes insinuações que caem sobre eles. (MELIÀ, 2007, p. 12).

Este grupo étnico muito investigado pela Antropologia tem dada grande contribuição para o entendimento do seu modo de ser. Maria Inês Ladeira em sua

dissertação de mestrado, transformada para publicação em 2007, realizou pesquisas com os *Mbyá* do litoral de São Paulo e se expressa da seguinte maneira com relação ao seu território e a importância deste para a manutenção do seu modo de ser, *Nhande Rekó*:

Pretendemos centralizar este livro na questão da importância, para os *Mbyá*, do território situado à margem do mundo, isto é na beirada do oceano, que atribui às aldeias do litoral um significado religioso e científico. A partir do litoral, estrutura-se o cosmo e se define a geografia desse grupo *Mbyá*. Como estratégia para manutenção de “seus lugares” – que implica preservação de sua organização social e das regras de reciprocidade –, o sistema de atribuição dos nomes/almas passa a se articular em função do jogo de interesses e da situação em que se encontra cada aldeia. A revelação e atribuição dos nomes se imbuem de um caráter acentuadamente político, pois da composição pretensamente harmoniosa dos nomes/alma, e sua relação direta com a região de origem, depende o grau de prosperidade da aldeia. Prosperidade que se concretiza quando ela se torna *Yvy Apy*, a terra original que se encontra na beirada do oceano e de onde se vislumbra o acesso à *Yvy Marãe y*. O aparecimento de novos dirigentes espirituais, nascidos e criados nas aldeias do litoral, é a forma mais eficaz que os *Mbyá* encontram, hoje, para a organização de seu espaço por meio da definição e divisão dos grupos familiares e dos assentamentos. (LADEIRA, 2007, p. 26-27).

Chamorro sustenta que para que o *Mbyá* possa atingir a “Terra sem Males”, *Yvy marae’* y ele necessita de um espaço concreto e critica Paulo Porto Borges (s/d), quando argumenta nestes termos:

...voltemos aos *Mbyá-Guarani* retratados por Paulo Porto Borges, esses que falam do *yvy marae’ y* como uma terra preservada para eles e que alcançarão em breve. A busca da “Terra Sem-Males” tem sido interpretada, erroneamente, como algo utópico, como um não-lugar. Como se, para aperfeiçoar a vida e se aperfeiçoarem, os indígenas pudessem prescindir de espaços concretos. (CHAMORRO, 1999, p. 16).

Segue Chamorro com sua argumentação e estende sua crítica aos agentes indigenistas que atuam com os *Mbyá-Guarani*, tocando num ponto de extrema importância que é a demarcação do território.

Essa interpretação tem favorecido certo descompromisso dos agentes indigenistas que atuam entre os *Mbyá-Guarani*, no sentido de intermediar as reivindicações dos indígenas perante as instâncias decisórias do Estado. Se essa atitude persistir e não for revertida a situação atual (das 63 áreas de ocupação hoje existentes na região Sul do Brasil, apenas uma área é demarcada e apenas

uma homologada), para Garlet e Assis, não resta dúvida de que “o único espaço que restará aos Mbyá será o projetado para o além” (1999, p.10). Em parte, essa postura pode ter sido influenciada pelos próprios indígenas. No passado, estes foram contrários à demarcação de espaços específicos para eles, por negarem o direito à apropriação individual de bens comuns e por entenderem que a demarcação de espaços poderia obriga-los a uma sujeição ao Estado brasileiro (GARLET e ASSIS, 1999, p. 11). Nos últimos anos, porém, os Mbyá-Guarani têm reivindicado para si o direito à terra, como é cantado na canção 9 do CD gravado recentemente por eles. Peme’ ‘e jevy, peme’ ‘e jevy – Ore yvyperaava’ ekue – Eoiko’ i agua’ – Restituam, restituam – A nossa terra que vocês tomaram – Para que a gente continue vivendo (Memória Viva Guarani, canto 9). (CHAMORRO, 1999, p. 16).

Estas canções apresentadas por Chamorro fazem parte do repertório de canções que são cantadas nos rituais Mbyá-Guarani na Opy, Casa de Reza, demonstrando assim a sua necessidade de se ter um território com suas áreas demarcadas e homologadas pelo órgão competente. Chamorro segue na sua análise onde esclarece as andanças dos Mbyá-Guarani de que seu “nomadismo” é motivado pela procura da “Terra sem Males”, sendo este a causa última para seu deslocamento. Ainda afirma que estas andanças tem sua motivação pela intensificação do avanço das frentes colonizadoras no Paraguai e no Brasil.

Na motivação que os impulsiona a caminhar aparece claramente a necessidade de ter um lugar onde lhes seja possível viver em segurança seu antigo modo de ser. A causa última de seu “nomadismo” deve-se à busca da “Terra Sem-Males”, que, na orientação espacial do grupo, fica do outro lado do Atlântico [...]. A causa mais gritante da atual dispersão, porém, é sem dúvida a colonização que se intensificou, na segunda metade deste século, na região de fronteira entre Paraguai e Brasil. Uma das características da ocupação das terras dessa região é a violência com a qual a natureza foi subjugada e posta a serviço do “progresso”. A monocultura avançou derrubando matas, expulsando os indígenas que nelas habitavam ou sujeitando-os como peões baratos às novas fazendas, cujos proprietários são, na maioria, brasileiros. (CHAMORRO, 1999, p.14).

Os Guaranis são um povo que vive seu modo de ser na procura da vivência dos seus mitos primordiais ou originários, a busca da “Terra Sem Males” que se constitui em procurar o seu paraíso onde a morte, a fome, a injustiça não tem lugar, é um lugar pleno de gozo e realização e que dentro de sua compreensão fica além mar. “A Terra sem Mal é esse lugar privilegiado, indestrutível, em que a terra produz por si mesma”. (CLASTRES, H. 1978, p. 30).

Este elemento básico da cultura, com outros mitos, permite toda a construção de uma postura frente aos reveses da vida e permite o enfrentamento destes, possibilita a

constituição de uma filosofia, de uma ética, de uma espiritualidade de uma ciência e de uma arte.

As andanças que acontecem e aconteciam na busca da “Terra Sem Males” eram o objetivo dos “homens-deuses” os pajés que se propunham a conduzir os homens a este paraíso. Ainda sobre as andanças do povo Guarani que é uma característica marcante e que o aspecto da territorialidade com relação a este povo grande parte onde hoje é o Brasil fazia parte da morada destes índios, povo originário que vivia nesta imensidão verde. Assim se expressa Maria Inês Ladeira:

Nimuendaju, Cadogan, Métrau, Pierre e Hélène Clastres, Schaden, Melià, entre outros, discorreram sobre as migrações guaranis em direção ao mar. Outras fontes mais antigas que se referem a delimitação do território tupi-guarani já incluíam a costa Atlântica. Entretanto, apesar da significativa literatura a respeito dos movimentos migratórios dos Guarani, que compreende fontes históricas desde o relato dos cronistas até pesquisas de campo, percebe-se uma resistência, até mesmo por parte dos estudiosos, de se relacionar os grupos guarani que vivem hoje junto a Serra do Mar ao mito da Terra sem Mal e à continuidade dos movimentos migratórios dirigidos pelos grandes heróis “divinizados”. Vários autores que discorreram, nas últimas décadas, sobre os grupos guaranis contemporâneos do litoral não fazem nenhuma analogia destes com os grupos migratórios dirigidos pelos grandes heróis nos séculos passados. Nos movimentos migratórios recentes, praticamente ignorados, é em geral desconsiderado o seu teor mítico e religioso. Mesmo a constatação desse teor não impede as previsões pessimistas de autores que sugerem o desaparecimento, em um futuro próximo, das aldeias do litoral. A causa deste enfoque talvez se dê em razão de que a presença atual dos Guarani no litoral, para muitos, aparece desprovida do caráter mítico - heroico idealizado por alguns autores que se referem ao passado. (LADEIRA, 2007, p. 67).

Relato do ritual do *kaá*

Os *Mbyá-Guarani* ao longo de séculos foram desenvolvendo um sistema religioso complexo, com rituais que são praticados com regularidade, tais como o ritual de batismo, o ritual do *Kaá*, do *Tembequá*, do, do *Awatí* e o rito fúnebre, dentre outros.

Todos os rituais são realizados no interior da casa de reza, a *Opy*, todos os dias os Guaranis se reúnem na *Opy* e realizam seus rituais, onde utilizam elementos simbólicos, sagrados, “a *Opy* é o coração da cultura Guarani, e enquanto ela existir, a sabedoria tradicional, o universo sagrado Guarani permanecerá”. (ZOCCOLI, 2007, p. 45). Os elementos sagrados utilizados são o *Petyguá*, *mbaraká*, *takuapu*, *popyguá*, tambor, violão (com 5 cordas) e violino com (3 cordas).

Todos os rituais são desenvolvidos com o canto de um coral composto pelos *Xondaros* e as *Xondarias*, guerreiros e guerreiras e principalmente pelas crianças, segundo a tradição Guarani o canto fortalece o pajé e é ouvido por *Nhanderu*. Outro elemento que não pode deixar de estar presente nos rituais é o Petyguá, cachimbo sagrado onde se fuma e sopra a fumaça no *Ambá Werá*, altar.

Os rituais que acontecem todos os dias tem início no final da tarde, quando começa anoitecer e se desenvolve inicialmente fumando o Petyguá, nele é fumado o pety, fumo de corda.

Sobre o rito Zoccoli (2007) em seu trabalho cujo título é: Sobre a Experiência do Sagrado, se expressa da seguinte forma:

Para que os seres humanos possam garantir a interseção dos deuses e dos ancestrais, dentro de uma perspectiva benfazeja, e para que esta interseção seja propícia aos seres humanos, finitos, falhos, limitados e mortais foi criada uma forma de manter um contato com essas divindades e a sua ancestralidade, uma forma de comunicação que denominamos de ritos. Esses ritos são celebrados para louvar, pedir e agradecer o concurso intercessório das potências que estão separados do mundo natural, mas que atuam e interferem no mundo da matéria, no mundo temporal. Os ritos são cerimônias em que há uma conjugação de determinadas palavras, gestos, utilização de objetos determinados que são oficiados por determinadas pessoas, que são ou fazem o papel de ponte entre esses dois mundos. Para a realização dessas celebrações é necessário estar em um determinado tempo, horário e em um determinado espaço propício. [...] Os preceitos e normas dos ritos se perdem na memória dos tempos, mas por tradição são executados. Esses são atribuídos às instruções dadas pelas próprias divindades. Uma vez recebidas essas instruções, elas devem ser seguidas minuciosamente, sob a pena ou o risco de não serem atendidas em seus propósitos. (ZOCCOLI, 2007, p. 39-41).

No caso dos ritos Guaranis o personagem que desempenha o papel mediador entre as divindades e os homens são *Xeramões*, os velhos, os pajés.

Nos ritos Guaranis ou em muitos deles num determinado momento o pajé faz uma fala se dirigindo a toda a comunidade ou a uma determinada situação orientando e dando instruções. Pierre Clastres em sua obra *A Fala Sagrada – Mitos e Cantos Sagrados dos Índios Guarani* num determinado ponto utiliza a seguinte forma poética; que os pajés embriagados de espiritualidade proferem as *nhe'e porã*, as belas palavras. (CLASTRES, 1990).

A importância de se praticar os ritos está associada à continuidade da vida humana, da organização social e da cultura como um todo. O rito é a encenação do mito, e tem por objetivo atualizá-lo, para que o mundo na sua organização possa continuar a existir, pois do contrário as plantações nos campos não florescerão, as mulheres não serão mais férteis, as árvores não darão mais frutos e o dia não surgirá depois da noite, ou seja, a ordem do mundo se transformará em caos. (ARANHA & MARTINS, 2001).

O ritual do *Kaá* é um dos rituais Guaranis mais expressivo, e tem sua complexidade. Este ritual é realizado no equinócio de primavera, ou quando os pajés sentirem a necessidade da sua realização.

É realizado em duas partes, sendo que a primeira tem uma característica predominante masculina. Logo que amanhece um grupo de guerreiros, *Xondaro*, sai em direção à mata em busca do *Kaá*, que é a erva mate. A erva-mate que os gaúchos tomam e se tornou parte da tradição do Rio Grande do Sul se deve a contribuição cultural do povo Guarani, bem como nos países onde o território Guarani se estende.

O grupo de homens busca então as árvores, que tem grande dimensão, para a colheita de ramos do *Kaá*. Escolhem os ramos que estão bem no alto das árvores, estes ramos que são escolhidos são os que recebem os primeiros raios de sol do dia que se inicia. Depois de subir nas árvores e fazer a coleta dos ramos estes são amarrados com fitas de bambu colhidos na mata e são transportados para o pátio da aldeia, próximo da *Opy*.

Chegando à aldeia, é acesa uma fogueira de médio porte e então os galhos são aproximados do fogo para dar uma sapecada de leve nas folhas do *Kaá*. Depois desta operação se inicia o enfeixamento, é feito pequenos feixes com galhos menores dos que foram coletados e amarrados com fitas extraídas de bambu.

Cada pessoa faz seus feixes que são levados para o interior da *Opy*. Ali se aguarda a ordem do pajé para dar continuidade ao ritual, é esperado um tempo até que o sol esteja a pino, ao meio dia. Cada pessoa, dos homens, pega os seus feixes nas costas e em fila, um atrás do outro dão três voltas em torno da *Opy*.

Nesta fase do ritual pode-se ou não fazer a caminhada fumando o *Petyguá*. Depois de fazer a caminhada das três voltas em torno da *Opy* entram todos os que estão carregando os feixes e em fila, enquanto o pajé começa a realização de cantos

sagrados, contos estes chamados *Tarova*, conto este onde são pronunciadas palavras de difícil compreensão tem-se a impressão de que não são palavras que são cantadas, mas sim se entoam sílabas.

Com relação ao *Tarova* é que se tem a impressão que depois de encerrado o ritual a pessoa que não é da comunidade Guarani, esquece o canto, é possível acompanhar quando se está participando do ritual, mas passado este é difícil lembrar como se entoam, em se tratando do ritmo e das sílabas pronunciadas.

Quando depois de entrar na *Opy* se posicionam em fila para entregar o feixe de *Kaá* ao *Xondaro* encarregado da tarefa de receber e pendurar na parede leste da casa, onde está instalado o *Ambá Werá*, o altar resplandecente. Neste momento realiza-se um cumprimento, um agradecimento em Guarani, é uma fala que somente é verbalizada nos momentos ritualísticos e no interior da *Opy*.

Em seguida se faz o mesmo cumprimento ao pajé que está fazendo os cantos.

Depois se posicionam sentados nos bancos na *Opy*, até que todos façam a sua entrega. Após as entregas é possível, e quem assim o desejar pode-se *pitar*, fumar o *Petyguá* e soprar fumaça no *Ambá Werá* e nos feixes de *Kaá*. Após, realizado tudo isto o ritual tem um intervalo até o entardecer, quando o sol se põe e o ritual reinicia.

Quando o sol já não esta mais no céu tem início a outra parte do ritual, a “mãe da aldeia”, mulher do pajé, abastece os *petyguá* e entregue para outra mulher ou uma menina (adolescente) para acender o cachimbo no fogo que fica aceso na parte oeste da Casa de Reza, depois que *petyguá* foi aceso a pessoa o devolve para a “mãe da aldeia” que dá algumas baforadas e chama para pitar o dono do cachimbo. Então do dono do cachimbo que foi aceso inicia a caminhada ritual andando em círculo, este círculo é realizado em mais ou menos 1/3 da extensão da casa de reza, próximo da parede do leste, e sopra fumaça no *Ambá Werá* bem como nos feixes de *Kaá* que estão pendurados nesta parede.

Após todos os homens pitarem as mulheres podem pitar fazendo a caminhada, podendo as mesmas pitarem se o desejar, sentadas próximas do fogo com as outras mulheres ou sentadas no chão, onde ficam, normalmente nos rituais, com as crianças pequenas.

Após determinado cantador ter acabado de pitar ele pega o violão e começa a cantoria, ou cantando algum *Tarova* ou alguma canção sagrada, cuja letra e música estes cantadores recebem em sonho.

Ao iniciar a cantoria as mulheres e as crianças femininas ficam de frente ao *Ambá*, uns dois passos do 1/3 onde se realiza a caminhada do início do ritual noturno. Os homens e crianças masculinos ficam neste 1/3 do círculo da caminhada, paralelos as paredes da casa de reza do norte e do sul.

O pajé é o último a pitar fazendo a caminhada, também é possível aquele que assim desejar pitar novamente e também se assim o quiser refazer a caminhada pitando.

Quando da caminhada ritual, onde se pita e sopra fumaça nos feixes de *Kaá* e no *Ambá*, após três voltas faz-se uma fala ritualística sagrada, que somente é proferida nesta ocasião e sempre dentro da *Opy*.

Às vezes, e isso depende do que o pajé sente, pois é ele quem oficia todos os ritos, no ritual do *Kaá* também se realiza o ritual do *Tembequá*, e ou rituais de cura.

Após o pajé pitar ele pode ou não fazer alguma fala com o sentido de orientar a sua comunidade, e depois fica um tempo em silêncio e os trabalhos são encerrados sem grande formalismo, simplesmente termina e as pessoas vão cada qual para as suas casas desejando *japuitu*, boa noite.

No dia seguinte acorda-se cedo, toma-se o mate, logo depois um café com *tipá* ou *bojapê* com mel e aguarda-se a continuidade do ritual do *Kaá*, todos ficam na *Opy*, aguardando o reinício do ritual.

Não demora muito vem a “mãe da aldeia” e começa a comandar o ritual, se apanha os feixes de *Kaá* e tosta ao fogo, depois dessa operação a “mãe” separa as folhas e os talos da erva e coloca no pilão, então começa a operação de pilar a erva, todas as mulheres que desejarem podem pegar a mão de pilão e realizar esta operação. *Kaá* pilado é colocado em um cesto, então as mulheres sentam-se em círculo e a “mãe” começa a fazer uma fala em Guarani e arrumar a erva em meia cabaça e distribui a todas as mulheres. Depois disto todas se levantam com a meia cabaça de erva e se colocam em fila e fazem uma caminhada dentro da casa de reza, são feitos alguns *Tarova* e da mesma forma que os homens entregaram para o auxiliar do pajé os feixes de erva, as mulheres entregam as cabaças contendo a erva em pó

para a “mãe” que os recebe e coloca em uma prateleira na parede do leste, próximo ao *Ambá Werá*. Quando é feita a entrega, as mulheres também fazem o mesmo agradecimento que os homens fizeram quando da sua entrega do feixe de erva ao auxiliar, fazem a “mãe” e logo depois ao pajé que esta cantando *Tarova*, e o pajé responde o agradecimento ou cumprimento de forma cantada.

Feito isto as mulheres voltam e permanecem sentadas conversando de forma corriqueira e que o desejar pode pitar e soprar fumaça nas cabaças contendo o *Kaá*. Esta parte do ritual também vai até ao meio dia, onde depois as pessoas ficam pela aldeia cuidando dos seus afazeres aguardando o entardecer para retomar mais uma etapa do ritual.

Chegando a hora estabelecida do entardecer tem se o início do ritual que é semelhante à noite anterior.

Considerações finais

O povo Guarani é um povo muito especial, quem teve a oportunidade de conhecê-los um pouco mais a fundo, não permanecendo na superficialidade das relações poderá entender como os pesquisadores do passado e do presente se sentem ao estabelecer relações de amizade e participar de uma parte de suas vidas, experimentando o *Nhande Rekó*.

O trabalho aqui desenvolvido de registro etnográfico de uma parte do *Nhande Rekó Mby-Guarani* tem sua validade como um exercício antropológico e de um valor muito grande, porque permite ao autor, principalmente, e a outros que por ventura vierem a ler este artigo conhecer um pouco como vivem os habitantes do Brasil que primeiro foram contatados.

O registro etnográfico tem também a finalidade de evidenciar a forma, a maneira como os *Mbyá-Guarani* se organizam e como conservam um costume milenar e que ao mesmo tempo é a sua identidade enquanto povo e se constitui como um elemento, um fator de resistência cultural muito expressivo e muito forte. Reafirma-se como consideração final deste trabalho a importância das demarcações das terras ancestrais Guarani, para que eles possam manter e dar continuidade ao seu modo de ser, vivendo o *Nhande Rekó*.

Sem o suporte material e territorial os verdadeiros donos destas terras continuaram sofrendo a impossibilidade de ser como são. E isto é um direito assegurado pela Constituição Federal do país.

Também menciona-se aqui o aspecto plástico e estético do seu modo de ser, da sua espiritualidade, da sua arte; danças e músicas, da sua filosofia, da sua ciência.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Ática, 2001.

BORGES, Luiz Carlos. **Memória e antropofagia cultural**: os Guarani e a Casa de Cultura. Disponível em: <[http://www.congressonucleas.com.br/trabalhos/Luiz%](http://www.congressonucleas.com.br/trabalhos/Luiz%20Borges.pdf)

[%20Borges.pdf](http://www.congressonucleas.com.br/trabalhos/Luiz%20Borges.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2012.

CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta**. Boletim n. 227. Antropologia n. 5, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1959.

CHAMORRO, Graciela. **Os Guarani**: sua trajetória e seu modo de ser. In.: Cadernos do Comin (Conselho de Missão entre Índios) 8, IRCLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: São Leopoldo-RS, 1999. Disponível em: <<http://www.comin.org.br/news/publicacoes/1206992949.pdf> consultado>. Acesso em: 03 set. 2012.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

CLASTRES, Pierre. **A Fala Sagrada – Mitos e Cantos Sagrados dos Índios Guarani**. Campinas: Papirus Editora, 1990.

LADEIRA, Maria Inês. **População**. ISA: 2033. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1289>>. Acesso em: 05 set. 2012.

MELIÀ, Bartomeu. **Prefácio**. In LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a Luz**: Território Mbya à beira do oceano. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. A terra sem mal dos guarani: economia e profecia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 33-46, 1990.

NIMUENDAJU, C. **Lendas da criação e do juízo final do mundo como fundamento da religião dos Apocucva-Guarani**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987.

NOBRE, Domingos. **História do Povo Guarani no Brasil**. Disponível em: <http://www.aldeiguaranisapukai.org.br/guarani/artigo_historia_guarani_brasil_domingos_nobre.pdf>. Acesso em: 06 set. 2012.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: E.P.V./Edusp, 1974.

ZOCCOLI, Ubirajara Salles. **Sobre a experiência do sagrado**. In BRASIL, Claudinho. A Modernização da Música Primitiva. Curitiba: Gramofone, 2007.